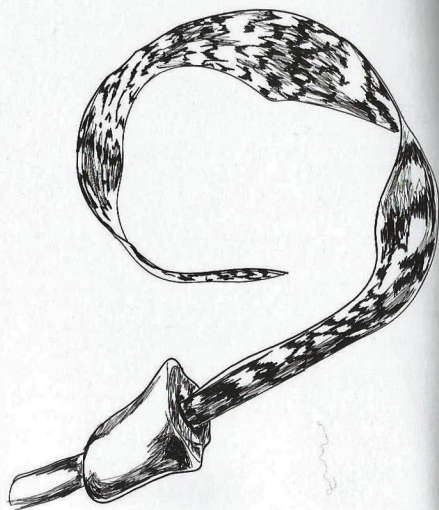


RESIDÊNCIA  
BELOJARDIM  
**CARLOS  
MÉLO**





Nos últimos anos, tem crescido no mundo da arte internacional o desejo de “desaprender” os métodos, o vocabulário e as rotas já estabelecidas e saturadas do seu campo profissional, sendo a Documenta de Kassel de 2017 talvez o exemplo mais evidente deste fenômeno. A exposição trazia essa ideia no título, *Learning from Athens* (Aprendendo com Atenas), e pela primeira vez na sua história se dividia entre duas cidades. O mais prestigiado evento da arte contemporânea, que ocorre a cada cinco anos na cidade de Kassel, na Alemanha, buscou novas formas de comunicação com o público, suspendendo, por exemplo, as fichas técnicas com informações conceituais sobre os trabalhos apresentados sob o pretexto da avalanche textual que já existe no meio e com a intenção de incentivar a audiência a buscar referências por conta própria, mesmo contendo vários trabalhos especialmente encomendados para o certame. Pressupor que o público local domine as ferramentas teóricas já comuns no meio artístico internacional não foi a única expressão de arrogância dos organizadores. A forma de atuação do time curatorial no contexto ateniense, isolando-se dos agentes locais e usando os espaços da cidade para receber o conteúdo engendrado pelo seletivo grupo, também espelha a maneira recorrente de atuação do

mundo da arte: apropriar-se dos signos, do léxico, dos lugares e dos materiais de grupos e países subalternizados para ampliar sua linguagem e manter-se no poder, ao mesmo tempo em que se instrumentalizam as pautas sociais e se cria um engajamento superficial. Como fazer diferente? Como profissionais da arte podem construir pontes genuínas com outros grupos?

Não temos respostas, mas estamos em plena busca de possibilidades. Aprender realmente com um lugar e construir um processo que seja significativo para as partes envolvidas é uma tarefa complexa, delicada e de longo termo, e estas têm sido as premissas do projeto *Residência Belo Jardim*. Não queremos importar modelos já consolidados mundo afora e bastante populares, mas que não condizem com a realidade de Belo Jardim e do seu circuito artístico; por isso, nos últimos dois anos, temos experimentado formatos de intervenções e perfis de artistas para consolidar nossa imersão na cidade.

A segunda edição da residência ocorreu com o artista Carlos Mélo – assim como o primeiro artista residente, Marcelo Silveira, outro filho do Agreste pernambucano –, que já era familiarizado com Belo Jardim e com sua cena cultural. Numa de suas incursões na cidade, soube da existência da comunidade quilombola do Barro Branco, e a forma como ela era percebida pela população urbana da cidade chamou-lhe a atenção, fomentando nele o desejo de desenvolver algum trabalho no lugar e com seus habitantes. O convite para participar da *Residência Belo Jardim* foi a ocasião ideal para materializar este encontro.

Diferentemente de Marcelo Silveira, que abriu o projeto com uma proposta que ativava a relação com vários locais e pessoas distribuídos pela cidade, numa intervenção de ordem panorâmica e horizontal, Carlos focou-se numa conexão aprofundada com o território e os moradores do Barro Branco. Nas mãos do artista, a Fábrica Mariola transformou-se no Espaço Oco, uma espécie de âncora de experimentação no distrito urbano aberta para artistas locais e da região apresentarem trabalhos em performance, enquanto era tecida a trama de seu trabalho: cuidadosas etapas para a realização de *barro oco*, seu primeiro média-metragem. É importante salientar que o Espaço Oco não era um apêndice da residência, dado que a prática artística de Carlos Mélo engloba o fomento a jovens artistas e a interlocução com eles, mas parte constituinte deste modo de ativar o espaço a partir das relações com as pessoas e o entorno.

Os dois meses de residência tornaram-se quatro. Realizar responsavelmente um filme com uma comunidade quilombola neste momento de grande tomada de consciência da persistência das estruturas coloniais no cotidiano brasileiro envolvia um processo denso e zeloso de escuta e de análise. Não se queria repetir o secular roteiro colonialista e extrativista do homem branco adentrando um território desconhecido para exotizá-lo ao mesmo tempo em que silencia as vozes e a vida locais em prol de seu proveito próprio. Para Carlos Mélo, ficou evidente de partida que o roteiro do filme deveria surgir da escuta atenta da comunidade e de sua lenta integração naquela

paisagem, buscando acessar uma maneira de existir que o artista denominou “devir-quilombo”. Adepto da psicanálise e entusiasta do trabalho desenvolvido pelo Núcleo da Subjetividade implementado por Suely Rolnik na PUC-SP, o artista buscou no maapeamento de sintomas da comunidade a rota para a estruturação de seu média-metragem. Seu orientador deste processo foi Tarcísio Almeida, integrante do núcleo que passou quinze dias em intenso contato com o artista e a comunidade. Desta convivência, saltaram palavras-chaves, imagens e situações que foram norteando a construção de um roteiro.

A fase seguinte foi preparar a comunidade para ser filmada. Carlos Mélo não desejava fazer um documentário, nem uma ficção, já que ele não é um documentarista ou cineasta, mas queria criar linguagem a partir da vivência das pessoas que encontrou no Barro Branco. Tencionava orquestrar a espontaneidade da presença dos participantes em cenas presenciadas na convivência ou imaginadas por ele. Para alcançar este resultado, foi convidada a atriz Erlene Melo, pernambucana radicada no Sudeste, para ministrar um workshop de preparação de elenco. O desafio era tornar natural a presença de câmeras, equipe de filmagem e direção para sujeitos não habituados com o campo cênico. O desejo era de que não assumissem personagens, mas que fossem, na medida do possível, eles próprios. A oficina durou dois dias e reuniu crianças, jovens, adultos e idosos. O principal trabalho era sentir o próprio corpo por meio da respiração e da meditação e compreender o impacto de sua existência no mundo e no

outro. Segundo os relatos de Erlene, o início foi tímido, mas, já no segundo dia, ninguém queria que acabasse. Pulso, respiração e verbo foram sincronizados para esta troca com o artista.

Outros profissionais de cinema foram sendo incorporados no filme: o roteirista Sérgio Raposo e o diretor de fotografia Camilo Soares, que orientaram e foram orientados numa intensa troca entre agentes de campos distintos. Apesar de já ter realizado inúmeros vídeos nos últimos vinte anos, *barro oco* é o mais complexo trabalho em imagem em movimento criado por Carlos até agora. Aprender enquanto faz é uma pedagogia recorrente no Nordeste do Brasil, um misto da urgência de ter que inventar porque não há alternativa e inventar como uma estratégia de resistência e de transgressão. No processo, negociações de linguagens e de saberes entre estes participantes foram sendo ativadas para constituir um trabalho artístico que se fia na convergência de potências cujo objetivo não é narrar uma história, mas evidenciar sintomas e questões.

Assim como toda a obra de Carlos Mélo, *barro oco* foi construído a partir daquilo que poderíamos designar como o devir da linguagem: uma linguagem em constante estado de metamorfose e que produz, em suas infinitas mutações, imagens e sentidos que ultrapassam o alcance semântico tradicional das palavras. O interesse pela linguagem e por sua capacidade de ser reinventada já aparece em várias obras anteriores, como os anagramas em neon que sugerem correspondências poéticas entre as palavras

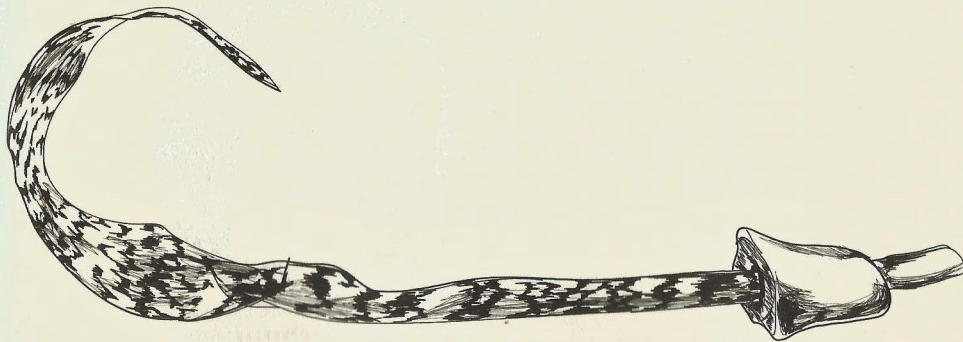
sem circunscrever os possíveis sentidos que emergem dali: IRACEMA, AMERICA; AGRESTE, RESGATE. Ao longo dos anos, “corpo”, “oco”, “barroco”, entre outros termos, surgiram em contextos distintos e em diferentes momentos atrelados à obra de Carlos Mélo, a cada vez agregando novos sentidos às palavras. Foi durante uma viagem ao México, no início de 2018, que o artista ouviu uma frase que o marcou: “O osso é um barro branco e oco.” A comunidade quilombola do Barro Branco, àquela altura, já habitava sua imaginação; os ossos, por sua vez, são um motivo recorrente em desenhos e esculturas produzidos na última década; já a ideia de “corpo oco” se firmou como um dos conceitos fundamentais de sua obra. A linguagem como criadora de mundos ou de modos de estar no mundo foi, portanto, mais uma vez, o elemento instigador primeiro do filme *barro oco*. Como é característico da metodologia do artista, o trabalho se desenrolou de forma não linear, resgatando e ressignificando elementos que permeiam todo o seu corpo de obras.

O mote do filme era a construção de uma escultura de ossos de boi que atravessasse o território reivindicado pelos quilombolas e as terras do vizinho que não reconhece este direito. Enquanto os ossos eram arregimentados e preparados por moradores e equipe, a tenda principal onde a comunidade se reunia era reconstruída após um incêndio iniciado de forma misteriosa. Uma estrutura linear que trespassa e uma estrutura circular que agrega se tornavam índice das lutas locais captadas pelo artista. Elaine Lima, a líder

do Barro Branco, tornou-se a protagonista do média-metragem; e seu cotidiano e pensamento, os fios condutores da obra. Cícera, outra liderança da comunidade, é a segunda protagonista, assinalando um contraponto confessional de atuação no lugar.

Até o dia de exibição de *barro oco* para a comunidade quilombola do Barro Branco, o Espaço Oco recebeu visitantes convidados para fazerem falas públicas, trocaram ideias com a cena local e a equipe do projeto, além de acompanharem o andar do trabalho: Marcus de Lontra Costa, Lorane Barreto, Suzy Okamoto e Mariana de Matos. De suas visitas, surgiram textos que alimentaram nosso site e esta publicação, o que gostaríamos de agradecer enormemente. Longe de querer esgotar esta experiência de Carlos Mélo na *Residência Belo Jardim*, estes veículos de comunicação são formas de repassar minimamente para a esfera pública o que foi vivenciado em momentos de grande intensidade com os participantes de cada etapa do projeto e explicitar um contexto para uma obra que ganha o mundo. Com *barro oco*, a luta do Barro Branco é disseminada mundo afora. Com este filme, o artista não pretende resolver os embates deste povo, mas colaborar de sua forma para a amplificação de sua voz.

CRISTIANA TEJO E KIKI MAZZUCHELLI  
CURADORAS



**RESIDÊNCIA  
BELOJARDIM  
CARLOS MÉLO**

**CURADORIA**  
Cristiana Tejo e Kiki Mazzucchelli

**COORDENAÇÃO GERAL**  
Luíza Mello

**PRODUÇÃO LOCAL**  
Adauto Bacelar

**PRODUÇÃO LOCAL/ARTE-EDUCADORES**  
Bárbara Amorim  
Joseilson da Silva Sanrtos  
Vanessa Melo

**COORDENAÇÃO EDUCATIVA**  
Carlos Mélo

**EDUCADORES EXPOSIÇÃO**  
**SESC LER BELO JARDIM**  
Eduardo Espíndola  
Nadia Almeida

**CONSULTORES**  
Erlene Melo  
Tarcísio Almeida

**ASSISTENTE LOCAL DO ARTISTA/  
COLABORADORA**  
Elaine Lima

**DESIGN GRÁFICO**  
Alex Souza | Dinamo Design

**COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO/  
ASSISTENTE DE CURADORIA**  
Rita Vénus

**FOTOGRAFIA**  
Geyson Magno

**FOTOGRAFIA ADICIONAL**  
Vanessa Melo

**REGISTRO VIDEOGRÁFICO**  
Heleno Florentino

**PALESTRANTES/PERFORMANCES**  
Adones Valença  
Clovis Teodorico  
Kleber de Oliveira  
Lorane Barreto  
Marcus de Lontra Costa  
Suzy Okamoto

**ASSESSORIA DE IMPRENSA**  
Mariana Oliveira

**MONTAGEM/ILUMINAÇÃO**  
Adones Valença

**GESTÃO**  
Leticia Libanio  
Mariana Schincariol de Mello  
Marisa S. Mello

**SITE**  
Bruno Gosling | New Gosling

**PROJETO E PRODUÇÃO**  
Automatica

**CATÁLOGO**

**COORDENAÇÃO EDITORIAL**  
Cristiana Tejo e Kiki Mazzucchelli

**PRODUÇÃO EDITORIAL E  
EDIÇÃO DE IMAGENS**  
Luíza Mello

**DESIGN GRÁFICO**  
Alex Souza | Dinamo Design

**FOTOGRAFIA**  
Geyson Magno

**TEXTOS**  
Carlos Mélo  
Cristiana Tejo  
Erlene Melo  
Kiki Mazzucchelli  
Marcus de Lontra Costa  
Mariana de Mattos  
Suzy Okamoto

**TRATAMENTO DE IMAGENS**  
Dinamo Design

**EDIÇÃO**  
Automatica

APESAR DE TEREM SIDO TOMADAS TODAS AS  
PRECAUÇÕES E REVISÕES CABÍVEIS, A EDITORA  
NÃO SE RESPONSABILIZA POR EVENTUAIS ERROS  
OU OMISSÕES POR PARTE DOS AUTORES.

**EQUIPE  
FILME  
barro oco**

**DIREÇÃO, CRIAÇÃO E ARGUMENTO**  
Carlos Mélo

**ROTEIRO**  
Sérgio Raposo

**COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO**  
Luíza Mello

**MONTAGEM**  
João Paulo Reys

**DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA**  
Camilo Soares

**1º ASSISTENTE DE CÂMERA**  
Rafael Cabral

**SOM DIRETO**  
Guma Farias

**CHEFE DE MAQUINARIA**  
Alex Sandro

**ASSISTENTE DE MAQUINARIA**  
Dyego de Souza

**DRONE**  
Pedro Coelho

**ASSISTENTE DE PRODUÇÃO/DIREÇÃO**  
Renata Gamelo

**ASSISTENTES DE PRODUÇÃO LOCAL**  
Adones Valença  
Bárbara Amorim  
Vanessa Melo

**FOTOGRAFIA STILL**  
Geyson Magno

**ASSISTENTE DE FOTOGRAFIA STILL**  
Vanessa Melo

**MOTORISTA**  
Chiquinho

**FILMAGEM ADICIONAL**  
**1º ASSISTENTE DE CÂMERA**  
Raphael Malta

**2º ASSISTENTE DE CÂMERA**  
Pedro Melo

**SOM DIRETO**  
Rafael Travassos

**MOTORISTA**  
Márcio Tarquínio

**TRILHA SONORA**  
Eduardo Albuquerque  
Gledson Lamartine  
Heligeison Feitosa  
Leo Barbalho

**COLORISTA**  
Paulo M. de Andrade

**MIXAGEM**  
Vinicius Leal e Jesse Marmo  
Estúdio Audiorama Filmes

**PARTICIPAÇÃO ESPECIAL**  
Antonio  
Bira  
Cícera  
Coquinho  
Dinda  
Elaine  
Sebastião

**COM A COMUNIDADE  
QUILOMBOLA  
DO BARRO BRANCO**

Adriana Maria Aleixo  
Andréia Alves da Silva  
Andreza Alves da Silva  
Antonio José da Silva  
Cícera Maria da Silva  
Deivid Cordeiro da Silva  
Edmilson João Aleixo  
Elaine Lima do Nascimento  
Erivaldo Rodrigues da Silva  
Flávio Leandro de Moraes Melo  
Geilson de Lima  
Genilson Aleixo de Lima  
Jaciane Cordeiro da Silva  
Jadicle Lima dos Santos  
Jedielson Aleixo de Lima  
José Adriano Silva de Lima  
José Assis dos Santos  
José Carlos Pedrosa da Silva  
José Ubiraci Bernardo Gomes  
Leonardo Edilson dos Santos  
Maria Aparecida Siqueira  
Maria Sabrina da Silva de Lima  
Maria Sonia da Conceição  
Maria Vitória Aleixo da Silva  
Matheus Silva dos Santos  
Rivanildo da Silva  
Rosângela da Silva Santos  
Sebastião Fernandes da Silva  
Taciana da Silva Santos  
Tacilene da Silva Santos

**AGRADECIMENTOS**  
Adauto Bacelar  
Cristiana Tejo  
David Henrique  
Erlene Melo  
Flavia Melo  
Geyson Magno  
Kiki Mazzucchelli  
Leo Barbalho  
Lorane Barreto  
Luíza Mello  
Marcus de Lontra Costa  
Mariana Moura  
Renata Gamelo  
Serge Huot  
Sergio Raposo  
Sonia Costa  
Suzy Okamoto  
Tarcísio Almeida

M485r

Mélo, Carlos  
Residência Belo Jardim / Carlos Mélo ; coordenação Cristiana Tejo,  
Kiki Mazzucchelli. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Automatica, 2018.  
200p.: il. ; 16 cm.

Inclui índice  
ISBN 978-85-64919-29-7

I. Arte moderna - Séc. XXI. I. Tejo, Cristiana. II. Mazzucchelli, Kiki. III. Título.

18-54436 CDD: 700.435  
CDU: 7.038.6

---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

18/12/2018 21/12/2018

ESTE CATÁLOGO FOI  
IMPRESSO PELA IPSIS  
GRÁFICA E EDITORA  
UTILIZANDO EM SUA CAPA  
O PAPEL MASTERBLANK  
LINHO 135g/m<sup>2</sup>, EM  
SEU MIOLO OS PAPÉIS  
EUROBULK 150 g/m<sup>2</sup>  
E PÓLEN BOLD 90g/m<sup>2</sup>.  
A TIRAGEM DE 1000  
EXEMPLARES FOI  
DIAGRAMADA COM  
VARIAÇÕES DA  
FAMÍLIA TIPOGRÁFICA  
BASKEVILLE.

patrocínio



apoio



realização



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-64919-29-7



9 788564 91929